

A ABORDAGEM CONSERVADORA DA VIOLÊNCIA NA REVISTA NOVA ESCOLA

Caio César Sousa Marçal ¹
Lúcio Alves de Barros ²

RESUMO: É inegável que debate em torno dos temas “mídia, educação e violência” traz uma série de questões que perpassa pela complexidade das relações sociais. A apreciação das representações sobre a temática da violência na Revista Nova Escola desvela como a mídia comumente trata desse assunto. Frequentemente esse assunto é abordado nos textos deste periódico através da diversidade de opiniões, desvelando a cristalização de ideologias e a formação de discursos. De caráter qualitativa, a pesquisa tem interesse em compreender a representação que o veículo de comunicação constrói acerca da “violência e educação”. A leitura das revistas reunidas que foram analisadas nos levaram a construção das categorias “incivildades”, “violência institucional”, “violência simbólica” e “bullying”. O periódico analisado, que tem um grande alcance professores que atuam na educação básica de escolas pública ou privadas, demonstra que a abordagem da revista faz sobre o problema das violências tem uma ótica conservadora.

Palavras-chave: Mídia; Violência; Educação

THE CONSERVATIVE APPROACH TO VIOLENCE AT THE NOVA ESCOLA JOURNAL

ABSTRACT: It is undeniable that the debate on the themes "media, education and violence" brings a series of questions that runs through the complexity of social relations. The appreciation of the representations on the issue of violence in the Nova Escola Journal reveals how the media commonly deal with this issue. Often this subject is approached in the texts of this periodical through the diversity of opinions, revealing the crystallization of ideologies and the formation of discourses. The article is interested in understanding the representation that the communication vehicle constructs about "violence and education". The reading of the gathered magazines that were analyzed led us to construct the categories "incivilities", "institutional violence", "symbolic violence" and "bullying". The analyzed journal, which has a wide reach teachers working in public or private school basic education, demonstrates that the magazine's approach to the problem of violence has a conservative view.

KEYWORDS: Media; Violence; Education.

1- Graduado em Pedagogia Pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e em Teologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix. Especialista em Psicopedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes. Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2 - Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Atualmente é professor efetivo da Faculdade de Educação (FAE/CBH) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Introdução

Das conhecidas instituições sociais, a família, a mídia e a educação, notadamente nos dias atuais, se apresentam como campos de sociabilidade e poder. Por certo são três instâncias que merecem atenção, pois três papéis são inegáveis a estas esferas que estão imbricadas e, por vezes, em conflito. O primeiro papel diz respeito especificamente ao campo antropológico da relação com o outro. Tanto na família, na educação, e aqui vale ressaltar principalmente as escolas, como na mídia, notadamente os meios de comunicação impresso e virtualizado, encontramos algumas exigências inegociáveis, tais como a presença da ritualização, formação de subculturas, estereótipos, papéis sociais, jogos de poder, hierarquias, esquemas, formas e acordos utilizados pelos atores sociais para valoração, criação de princípios, regras tácitas e manifestas, trajetórias, representações sociais e o que Bourdieu (1998, 2007), em sua obra, chamou de *habitus*.

Em segundo, a família, a escola e a mídia cumprem o papel de agentes de formação, aprendizagens múltiplas, possibilidades de padronização de informações e distribuição - apesar de desigual - de representações. As três instituições atuam no campo simbólico e oferecem signos, significados e significantes em um mundo que aparentemente aparece desestruturado, anômico e incerto. Mídia, família e educação são espaços que além de informar oferecem possibilidades de organização em um mundo real, virtualizado, hiper-real, espetacular, sensacionalizado no qual os atores se esforçam por navegar com determinada certeza e organização.

O terceiro e último campo no qual a família, a mídia e a educação caminham de mãos dadas é o da mediação. Dito de maneira mais simples: é na interseção de símbolos presentes nas instituições em questão que os atores encontram os recursos necessários para elaborar a construção da realidade social (BERGER; LUCHMAN, 2008). Neste caminho, cumpre à família o primeiro papel de socialização do infante, o qual, no espaço doméstico imita, repete e aciona valores que vão lhe auxiliar na escola e no mundo da socialização secundária (BERGER; LUCHMAN, 2008). Nessa socialização, as ações dos atores são cerceadas, vitalizadas, anuladas, modificadas e reelaboradas, pois estamos nos referindo a um outro mundo de “novos” e “velhos” valores - positivos e negativos - conforme a cultura predominante.

Parece óbvio o forte papel de mediação que hoje opera os *mass media*. Provavelmente, os meios de comunicação, especialmente os de massa, são os principais veículos que

traduzem a relação dos emissores e receptores das informações. Não por acaso, há tempos a mídia se transformou em um verdadeiro campo de formação e educação, muito mais sofisticado do que a família ou a escola. De todo modo, é inegável o poder ostensivo dos meios de comunicação. O rádio, as revistas, os jornais e a TV se unem com força aos novos mecanismos de comunicabilidade alicerçados na informática, em novos softwares e possibilidades de interação. A sociedade midiaticizada (MORAES *et. al.*, 2006) talvez seja uma das invenções mais complexas e de difícil manejo em um mundo excludente, com intensas transformações e com alta desigualdade social.

O fato, seguindo o mesmo caminho, é que diferentemente da família e da escola os *mass media* cabem como luvas a diferentes e diversificados agentes. A TV, como se sabe, rompeu as barreiras da ética e da moral ao entrar no espaço doméstico ditando regras, normas, rituais, tempos e temporalidades. Dito de outra forma, os meios de comunicação se adaptaram no intuito de atender classes diferentes. Não por acaso, os teóricos da Escola de Frankfurt chamaram atenção para a produção de uma cultura popular e outra erudita.

O curioso é que existe no senso comum a ideia de que é na família que seres humanos devem buscar a mediação com outros seres e com a realidade e é neste lugar que os primeiros sinais de moralidade e ética se firmam. A escola, apesar de estar longe do ambiente acolhedor do espaço doméstico, cumpriria um segundo papel socializador servindo de mediação para o indivíduo ainda em formação. Fato é que tanto na escola como na família homens e mulheres ainda exercem certo controle e modificar o devir da *persona* em formação. A mídia, contudo, não permite controle tampouco mudanças coletivas e democráticas.

As mensagens comunicacionais atingem em cheio o imaginário social permitindo a informação e construindo realidades paralelas à realidade já conhecida. Baudrillard (1988) chama atenção para os simulacros, verdadeiras redes de eventos e mensagens que produzem um mundo artificial, hiper-real e transcendental. Chega-se mesmo ao ponto da criação de um ciberespaço com grandes poderes de irradiação, ressonâncias e de explosão de informações. É neste sentido que muitos autores apontam para a unificação de pensamentos, a morte do contraditório e a produção de discursos hegemônicos que, inegavelmente, interferem na realidade (MORAES *et. al.*, 2006).

A família, a escola e a mídia podem caminhar de mãos dadas, mas não produzem discursos hegemônicos. Pelo contrário, hodiernamente cabe somente à mídia o poder de forjar manifestações, discursos quase consensuais na busca da unificação de opiniões, finalidades, valores, recursos, normas, rituais e “acontecimentos”. Como autora e vítima, o alfa e o ômega,

o início e o fim, a mídia se coloca como onipotente assegurando privilégios e poderes para poucos. Como meio e forma, capital e símbolo, os meios de comunicação chegam ao ponto de evitar críticas, impossibilitar o debate e de silenciar o contraditório. É claro que por trás deste espectro existem homens e mulheres, interesses políticos, sociais e econômicos que interferem nos acontecimentos que merecem visibilidade e que devem fazer parte do cotidiano das relações sociais.

Refletir sobre as diferentes dimensões sobre a Violência é uma demanda cada vez mais presente hoje. Porém, para além desse fenômeno, é inegável é fundamental que se perceba as narrativas que são construídas em torno desse tema tão relevante. Tendo como pano de fundo as análises sobre Mídia e cultura de massa, o trabalho tem como objetivo perceber quais são os olhares e discursos produzidos pela Revista Nova Escola, empreendimento da Editora Abril, do qual nos dedicamos a estudar os periódicos produzidos entre janeiro 2013 e janeiro de 2015. Como uma pesquisa de ordem qualitativa, examinou-se como as violências aparecem nas matérias, notícias, informações, manchetes e capas da Revista Nova Escola, periódico educacional de maior circulação em todo país.

A cultura de massa

Edgar Morin (1997), em seu livro, “Cultura de massas no século XX”, afirma que o grande desenvolvimento tecnológico vivido no século XX, que chama de “segunda industrialização”, foi muito mais do que transformações econômicas e revolução tecnológica das forças produtivas. Este período foi “o momento da “industrialização do espírito” – que penetrou no interior do homem por meio da mercantilização de bens culturais –; e da “segunda colonização da alma”, que passou “a operar com o desenvolvimento técnico voltado unicamente à organização interior de homens e mulheres, derramando em suas almas mercadorias culturais” (MORIN, 1997, 13).

Para Morin (1997), após a Segunda Guerra Mundial - momento no qual emerge a *Terceira Cultura* (em termos anglo-latino, *mass culture*) - a cultura de massa é produzida segundo as normas padronizadas da fabricação industrial. Neste caso, ela propaga-se pelas técnicas de difusão maciça – a comunicação de massa – e destina-se a uma massa social, ou seja, a um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, famílias etc.):

O termo cultura de massa, como os termos sociedade industrial ou sociedade de massa (*mass society*) do qual ele é o equivalente cultural, privilegia excessivamente um dos núcleos da vida social; as sociedades modernas podem ser consideradas não só industriais e maciças, mas também técnicas, burocráticas, capitalistas, de classes, burguesas, individualistas... A noção de massa é *a priori* demasiadamente limitada (Morin, 1997, p. 14).

Morin (1997), em uma concepção mais ampla, considera a cultura como algo que orienta, desenvolve e domestica certas virtudes humanas, ao mesmo tempo em que inibe ou proíbe outras, a cultura de massa pode ser encarada como parte desse todo, não substituindo as culturas já existentes, mas convivendo com as mesmas. Assim:

A cultura de massa é uma cultura: ela constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas. Ela se acrescenta à cultura nacional, à cultura humanista, à cultura religiosa, e entra em concorrência com estas culturas. (Morin, 1997, p. 15, 16).

Em tais circunstâncias, o sociólogo francês afirma que as sociedades modernas são *policulturais* e que, portanto, a cultura de massa tem como característica fundamental a capacidade de integrar e desintegrar realidades. Ela é multifuncional, pois ao mesmo tempo em que constrange pode controlar, homogeneizar e interferir em outras culturas. Neste sentido, pode corroer valores, costumes, signos e símbolos que já duram por gerações. O seu poder pode se confundir ou mesmo oferecer uma nova roupagem às culturas já existentes.

a cultura de massa integra e se integra ao mesmo tempo numa realidade policultural; faz-se conter, controlar, censurar (pelo estado, pela igreja) e, simultaneamente, tende a corroer, a desagregar as outras culturas. A esse título, ela não é absolutamente autônoma: pode embeber-se de cultura nacional, religiosa ou humanista e, por sua vez, ela embebe as culturas nacional, religiosa ou humanista. Embora não sendo a única cultura do século XX, é a corrente verdadeiramente maciça e nova deste século (Morin, 1997, p. 16).

A partir de tais acepções, Edgar Morin (1997) não se furta em criticar os estudiosos que assumem posturas radicais e contrárias à cultura de massa. O seu argumento assenta-se, principalmente, no fato desta cultura ter gerado uma relativa democratização dos bens simbólicos, pois até então os bens culturais estavam limitados a uma elite. A cultura de massa propiciou que um maior número de pessoas pudessem ter acesso a certas manifestações culturais e artísticas.

Tudo parece opor a cultura dos cultos à cultura de massa: qualidade à quantidade, criação à produção, espiritualidade ao materialismo, estética à mercadoria, elegância à grosseria, saber à ignorância. Mas antes de perguntarmos se a cultura de massa é na realidade como a vê o culto, é preciso nos perguntarmos se os valores da ‘alta cultura’ não são dogmáticos, formais, mitificados, se o ‘culto da arte’ não esconde muitas vezes um comércio superficial com as obras. Tudo que é inovador sempre se opõe às normas dominantes da cultura. Essa observação que vale para a cultura de massa não vale também para a cultura cultivada? (Morin, 1997, p. 18, 19 – grifos do autor).

A crítica de Morin (1997) à visão elitista de uma cultura superior refere-se em grande parte à concepção criada pelos intelectuais frankfurtianos de que a cultura industrializada além de massificar, banalizou e destruiu a cultura produzida de forma espontânea. Conforme Mauro Wolf (1999) o termo “indústria cultural” foi utilizado pela primeira vez por Horkheimer e Adorno na obra *Dialética do Iluminismo* (iniciado em 1942 e publicado em 1947), na qual deixaram claro que o objetivo é descrever “a transformação do progresso cultural no seu contrário, a partir de análises de fenômenos sociais característicos da sociedade americana, entre os anos 30 e os anos 40” (WOLF, 1999, p. 84-85). É nessa mesma obra que os autores utilizaram o termo “cultura de massa”, que só depois veio a ser substituído pelo conceito de “indústria cultural”, e neste sentido demonstrar que a “interpretação corrente é a de que se trate de uma cultura que nasce espontaneamente das próprias massas” (WOLF, 1999, p. 85).

Para os teóricos frankfurtianos, o primeiro elemento a ser caracterizado no mundo da indústria cultural, é a uniformização dos homens, ou seja, o aparecimento da “unidade psíquica das massas” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973). Isto porque, segundo Mauro Wolf (1999, p. 84), “a teoria crítica propõe-se realizar aquilo que escapa sempre à sociologia ou que para a sociologia sempre remete, ou seja, uma teoria da sociedade que implique uma avaliação crítica da própria construção científica”.

Citando Herbert Marcuse, Wolf (1999, p. 84) diz que “os fins específicos da teoria crítica são a organização de uma vida em que o destino dos indivíduos seja dependente não já do acaso e da cega necessidade de incontrolados laços econômicos, mas da realização programada das possibilidades humanas”. De acordo com a *Teoria Crítica*, o mercado de massas impõe standardização, padronização e organização; os gostos do público e as suas necessidades são estereótipos impostos e de baixa qualidade. Nessa concepção, a indústria cultural domina os indivíduos e o lucro predomina sobre a cultura. E mais, os indivíduos não

são reflexivos, são seres atomizados incapazes de tecer críticas a qualquer fenômeno social. Como são incapazes de criticar, os indivíduos acabam aceitando como verdadeiro o que a cultura dominante lhes apresenta como realidade.

A divisão do conteúdo televisivo, por exemplo, em vários gêneros conduziu ao desenvolvimento de formas rígidas, fixas, importantes porque definem o modelo de atitude do espectador. Quanto mais dura e complicada é a vida moderna, mais as pessoas se sentem tentadas a agarrar-se a clichês que parecem conferir uma certa ordem ao seu mundo privado (inconsciente) e público, que, de outra forma, seria incompreensível, de difícil integração e consenso (ADORNO, 1954; WOLF, 1999).

A despeito de todas as críticas que sofreram, é inegável que os teóricos da teoria crítica tiveram papel fundamental na teorização e crítica à massificação da cultura nas sociedades contemporâneas. Contudo, é preciso enfatizar que a emergência, desenvolvimento e maturação da indústria cultural tornou-se possível devido ao grande avanço tecnológico que perpassou as sociedades modernas. As novas tecnologias e técnicas dos meios de comunicação foram desenvolvidas visando a criação de novas necessidades, as quais alimentaram o processo de compra/venda e lucros. Morin (1997) diz ainda que a indústria cultural não faz distinção de regimes, estando presente tanto em sociedades totalitárias como em sociedades de regimes democráticos. Compreender o modo como a indústria cultural é essencial sobre a Cultura de massas e a indústria cultural para a compreensão de revistas como Nova Escola.

Nova Escola: as partes e as violências

A revista não é o primeiro e único empreendimento da Editora Abril. Antes o grupo comandado pelos Civita publicou a revista “Escola”, a qual teve uma vida curta com apenas 27 números entre outubro de 1971 e abril de 1974. No que toca à revista Nova Escola é imperioso frisar que desde o seu início ela é distribuída gratuitamente nas escolas públicas e, tal como vem estampado nas primeiras páginas de toda revista, notadamente na apresentação da direção e editoriais, é a maior revista de Educação no Brasil. Vendida “a preço de custo”, “sem fins lucrativos” e com a nobre missão de melhorar a qualidade da educação básica. Das boas intenções é bom nos atentar que a revista chegou ao fabuloso número de mais de 700 mil tiragens por edição. É indubitável que a “Nova Escola” não pode passar despercebida quanto ao seu papel de forte disseminadora de ferramentas para muitos professores.

A abordagem conservadora da violência

A partir de um vocabulário menos erudito, com generoso espaço para ilustrações, professores e alunos sorridentes, a revista aparentemente, apresenta a ideia de que basta que o educador faça a sua parte para que a sociedade possa ver a solução dos problemas educacionais.

Bueno (2007), em seu trabalho sobre a revista afirma que “prevalece em Nova Escola uma visão operacional da realidade pedagógica”, que para ele é percebida segundo dois aspectos principais: o voluntarismo e a estereotípia, “onde os problemas educacionais são reiteradamente reduzidos a questões a serem resolvidas individualmente pelo professor, o qual é pressuposto como um ser dotado de inesgotável força de vontade, permanentemente disposto a se superar no cumprimento de sua missão”, conduzindo a uma espécie de autoajuda pedagógica onde se faz apologia que apela apenas para a comunidade a resolução dos problemas ao mesmo tempo em que desresponsabiliza o estado de seu papel.

Há também uma visão pragmática do conhecimento, onde se percebe, por exemplo, relação entre professores e pais de alunos sendo convertida em uma relação entre prestadores de serviço e clientes, fazendo com que a relação entre professores e pais transforma-se em chance de persuasão por meio das ferramentas instrumentais do marketing, oferecendo “aos leitores 10 passos para se sair bem na primeira reunião de pais”, reportagem de autoajuda que visa fornecer subsídios para “fisgar a família e transformá-la em grande aliada”. Não deixa de ser relevante a concepção de que a publicação tem por objetivo “qualificar a produtividade do professor” através de um pragmatismo pedagógico que reduz a complexidade dos problemas entranhados em sala de aula reduzidos a receitas imediatas que supostamente trará sucesso a quem as aplica.

A Nova Escola pesquisada, geralmente é dividida em quatro (04) partes: Capa, Seções, Sala de Aula e Reportagens. Além das quatro partes mencionadas, a revista Nova Escola tem incorporado um pôster, com recomendações, avisos ou planos de aulas no interior da revista. Os pôsteres podem e devem ser retirados e colados nos quadros das escolas.

A Capa é a vitrine da revista que busca seduzir o seu leitor quanto os assuntos concernentes ao mundo escolar. Nela é possível verificar as estratégias visuais no intuito de mostrar a realidade em reportagem naquele número. Neste caso, são perceptíveis as chamadas, com frases de efeito, e cuidados estético e gráficos. Letras e cores são bem distribuídas e dificilmente não se percebe o bom gosto e atividade profissional. Na capa vem estampado o nome da revista, o ano, o número e o preço. Aos assinantes é colocada a nota “venda proibida”. Na Capa se desvela como ideia central da publicação que são as “dicas”, as

quais remetem quase que inevitavelmente a percepção de proporcionar aos professores apenas resultados para serem armazenados, gravados, domados. Em suma, entregar as teorias “mastigadas” para que o professor decore e que uma aplicação quase que instantânea em sala de aula. Ainda na capa é observada a chamada para o pôster, para as outras partes da revista e o endereço da Nova escola na internet (novaescola.org.br).

São nas páginas internas que encontramos as outras partes divididas em editoriais, cadernos, suplementos, artigos, os quais não deixam de indicar o como a revista compreende o mundo e os desafios ao campo do qual deseja interferir. Na parte das Seções encontramos as seguintes subdivisões: “Caro Educador”, “Caixa Postal”, “Em Dia”, “Educação em Debate”, “Fala Mestre”, “E agora Telma?“, “Neury Responde”, “Site”, “Autorretrato”, “Artigo“, “Estante“, “Orgulho de ter Professor”.

A parte “caro educador” é um editorial geralmente escrito por Maggi Krause. Graduada em Jornalismo pela USP, desde 2011, ela assumiu o comando revista Nova Escola e Gestão Escolar e de seus respectivos sites. Nesse espaço do editorial, o texto sempre tenta transparecer uma proximidade como o leitor educador a sensação de que a revista será um guia confiável. O tom mais do que amistoso é mais do que um método de leitura agradável. É um jeito de facilitar no doutrinação que esse empreendimento da Editora Abril deseja.

A Caixa Postal reserva um espaço para as mensagens enviadas dos leitores, geralmente professores que opinam sobre as matérias. Em Dia trás pequenas matérias com dados onde supostamente tratam da realidade do mundo escolar.

Já em “Educação em Debate”, é escolhido algum tema onde se aborda questões relacionadas ao papel do espaço educativo como, por exemplo, a alfabetização de surdos na edição de abril de 2014. “E agora, Telma“, a professora de psicologia educacional da Unicamp, Telma Vinha, responde perguntas de professores que desejam tirar dúvidas de comportamento. Ultimamente a autora tem artigo de página inteira na revista Nova Escola e aparentemente interrompeu as perguntas dos leitores.

A pedagoga Neurilene Martins responde “a dúvidas sobre sala de aula” através da coluna “Neury Responde“. É preciso que se diga que essa intervenção de profissionais que tratam a distância de problemas que não estão próximos da realidade dos embates cotidianos dos professores, alunos e família nos caminhos tortuosos e diversos da cada vez mais plural e multifacetada sociedade brasileira em uma ou outra coluna de revista é algo temerário, afinal de contas, no processo de compreensão de problemas relatados há uma série de atores que gravitam dentro e fora da sala de aula que estão implicados nesses contextos de demandas e

conflitos. Não é difícil de imaginar que conselhos dados nesses espaços aplicados de forma acrítica devam causar mais danos do que benefícios aos educadores que norteiam pela publicação.

“Fala Mestre“, é um espaço onde se entrevista professores e pesquisadores que compartilham ideias e posicionamentos sobre a realidade do ambiente escolar e de seus atores. Em “Sites“, a revista Nova Escola articula esses espaços para que os educadores acessem conteúdos online indicados pela publicação. A parte Autorretrato é uma coluna onde geralmente é escolhido um aluno de alguma parte do país que, com sua foto publicada em ambiente escolar, faz um relato um pouco do seu cotidiano. Artigo, como já se intitula essa seção, se faz uma abordagem com esse modelo para novamente discutir sobre educação. Indicações de literaturas para professores e livros infanto-juvenis, dentre outros, é feito na subseção Estante. Em “Orgulho de ser Professor“, alguém faz uma homenagem para algum educador que tenha “marcado sua história”. Aqui fica mais presente o imaginário que Nova Escola deseja construir do professor: Um Herói que faz muito mais do que ser um profissional da área de Educação e que vence todas as privações possíveis e impossíveis para cumprir sua Missão.

Na seção Sala de Aula, estão disponíveis planos de aulas para matérias escolares de Língua Portuguesa, Educação Física, Matemática, Língua Estrangeira, Geografia, História, Ciências e artes, que devem servir como subsídios para o educador em sua jornada na escola. São dicas no melhor estilo “receita de bolo“ de programa televisivo, onde cabe ao professor aplicar as informações dadas com imagens bem elaboradas para conduzir aos “melhores resultados“ em sala de aula.

A seção das reportagens são peças de material jornalístico que tratam de transversais relacionadas ao espaço educacional. O Pôster, por fim, faz parte de mais um recurso do arsenal de propostas para serem aplicados em sala de aula. Nele é trabalhado uma temática contem um plano de aula trabalhado com um trabalho gráfico de qualidade respeitável.

Em nossa pesquisa delimitamos quatro categorias de violências: As incivildades, a violência simbólica, a violência institucional e o *bullying*. Essa classificação é produto das amplas discussões que abordam as violências presentes nas escolas. No que se refere a conceituação de “incivilidade”, ressaltamos um mosaico de atitudes como vandalismo, causar de propósito avarias a equipamentos, palavras afrontosas escritas nas paredes da escola ou das salas de aula ou nos equipamentos escolares (nas carteiras, por exemplo) e danos a objetos de

professores e colegas. Cenas de xingamento, atitudes de racistas, indisciplina (individual e coletiva), escárnio e agressões (ABRAMOVAY *et al*, 2009).

O conceito de violência simbólica, as considerações de Bourdieu e Passeron (1992) delineiam casos de violências produzidas pela dominação social, pela naturalização de relações de sofrimento e crueldades provenientes de imposições do mais forte. A violência institucional onde se vê os casos de falha do Estado, casos de criminalidade violenta e de crimes de pequeno porte, onde se localiza as violências estruturais. Por fim, enfatizamos o *bullying*, uma relação social entre semelhantes que se dá de forma propositada e de reiteradas vezes.

Tabela 1: Distribuição das chamadas acerca da violência de acordo com a divisão de conteúdos da Revista Nova Escola (Jan./Fev. 2013 - Dez./Jan. 2014).

	Incidividades	Viol. Simbólica	Viol. Institucional	Bullying	Total	%
Capa	13	09	04	06	32	37
Seções	20	11	11	02	44	51
Sala de aula	-	-	01	-	01	01
Reportagem	02	02	04	01	09	10
Pôsteres	-	-	-	01	01	01
Total	35	22	20	10	87	100

A Tabela 1 revela os dados da revista de acordo com as partes que lhe compõem. O caso das incividades aparece novamente em destaque com 13 casos, correspondendo a 15% do total de reportagens de capa. 20 casos (23%) foram encontrados nas seções; o que não poderia ser diferente, uma vez que é nesta parte que o periódico traz as indicações de especialistas e uma variedade de informações que fazem alusão aos casos de violências. Fato é que as capas não traduzem uma reportagem respeitável acerca do tema da violência. Temáticas escolares são permeadas por casos de incividades e este certamente é o caso do grande número de casos encontrados aqui. Esta última questão perpassa o conteúdo das revistas no ano de 2014. As capas de 2014 trouxeram poucas chamadas, 3 casos, que, ao serem categorizados perderam relevância (Tabela 2).

A Tabela 1 revela o que já dissemos outrora sobre a predominância das incividades nos casos de violências que encontramos nas escolas. A revista segue, neste caso, o padrão tradicional de não se aprofundar nos casos que poderiam render mais e boas páginas. É óbvio que uma classe desorganizada com alunos falantes não se iguala a perseguições, vandalismo e

conflitos abertos que entram em geral nesta categoria. Os outros casos seguem o mesmo raciocínio, com exceção dos casos de violência simbólica.

Tabela 2 Distribuição das chamadas acerca da violência de acordo com a divisão de conteúdos da Revista Nova Escola (Jan. /Fev. 2014 - Dez. 2014/ Jan. 2015)

	Incivildades	Viol. Simbólica	Viol. Institucional	Bullying	Total	%
Capa	-	02	01	-	03	03
Seções	23	17	26	09	75	68
Sala de aula	-	02	02	-	04	04
Reportagem	07	06	12	03	28	25
Pôsteres	-	-	-	-	-	-
Total	30	27	41	12	110	100

A Tabela 2 traz uma boa quantidade de casos que dizem respeito à violência institucional, notadamente na parte “seções” (25%). Na realidade ela reflete a maior quantidade desta violência no total de casos encontrados (Tabela 02 / 37%). As “incivildades”, também tem um lugar de destaque neste caso. Do total de chamadas nas seções (68%) ela apreze em segundo lugar com 23%. A violência simbólica também é maioria nas seções (17 casos que correspondem a 15,4%) . Salta aos olhos o grande número de violência institucional (41 casos) que aparece elevado com 75 ou 68% das reportagens nas seções. Fato este já explicado devido às reportagens que trouxeram os descasos do estado em relação à educação e outras chamadas referentes ao caos que assola a educação. As revistas de 2014 não trouxeram o tema da educação/violência em pôster, parte muito esperada pelos professores devido a possibilidade de se destacar da revista e utilizar nas salas de aula, e pouco revelaram na parte Sala de aula (04%). A temática do *bullying* apareceu nas seções (9 casos) e nas reportagens com 03.

As reportagens, a menina dos olhos das editorias, não parecem ter a vitalidade do “furo”, da exclusividade e do acontecimento (TRAQUINA, 2001). No caso da relação violência e educação, tanto no ano de 2013 como no ano de 2014, elas não tiveram espaço tampouco tomaram as maiores e melhores páginas do periódico. As reportagens, no geral, se basearam em temas já muitos discutidos, que estão há tempos padronizados pela mídia ou que não renderiam nenhuma possibilidade de aparecimento ou de fazer a diferença no campo da educação. Não por acaso a revista chega a ser mal vista nos meios acadêmicos que denunciam sua superficialidade e mercadorização da temática educação. Um paradoxo, na verdade, pois

“educadores e intelectuais respeitados” não deixam de aparecer em várias entrevistas e comunicações.

No que se refere à parte sala de aula, 04 casos de violência simbólica e três casos de violência institucional (Tabela 2) parecem o bastante para mostrar o que já verificamos anteriormente quando chamamos atenção para esta parte que trata de trazer para o professor planos de aula, de ensino ou pequenos resumos de temáticas que vão auxiliar em sala de aula.

A relação violência e educação na revista Nova Escola, na realidade é tema de amplo desconhecimento para aquele professor ou estudante interessado em acumular informações sobre tais relações. Pode-se argumentar que a proposta da revista sequer passa por estas pretensões. Não obstante não é razoável que em alguns casos tais relações fiquem em segundo plano visto que é a primeira no cotidiano escolar. Na realidade, apesar da revista insistir em uma editoria que auxilie o professor e favoreça o crescimento e o desenvolvimento da educação no Brasil, ela caminha em um romantismo que reduz a escola as ações e experiências dos docentes. Esta visão romântica da educação é a cortina de fumaça perfeita para esconder os vários fatores que dizem respeito à violência e configurar uma representação de educação que somente está presente na visão dos donos do periódico.

A abordagem conservadora da violência

Por vezes tratada como de forma romantizada, a violência é se revela nesse periódico uma abordagem da violência institucional e simbólica ou mesmo do *bullying* versões de uma violência conservadora. Esta também está presente na maioria das partes da revista, especialmente nas seções e nas reportagens, especialmente no ano de 2014. Geralmente são notícias, imagens, reportagens e entrevistas que retratam a violência estatal, dos serviços públicos que denominamos por aqui de violência institucional.

A abordagem conservadora da violência parte de opiniões, de uma realidade social já conhecida historicamente, de visões dramáticas e de análises estruturais e sistêmicas sem conteúdo verificável ou passível de credibilidade. Raramente elas aparecem como denúncias e podem ser avaliadas de uma forma que provoque o leitor a entender a real fonte do problema.

Já dissemos da fragmentação da realidade dos meios de comunicação, o que parece o caso em questão. Ao fragmentar a realidade em partes não conjugadas empiricamente e no campo cognitivo a revista opera com fatos desestruturantes de entendimento do real, mostrando uma realidade que parece não estar esgarçada em seu tecido. Pelo contrário, as

A abordagem conservadora da violência

análises das partes da revista mostram um mundo ainda em sintonia, apesar de desigual, cruel e violento. Os exemplos são abundantes tanto em 2013 como em 2014.

O Brasil não pode mais perder bons professores: Mudanças estruturais são fundamentais para manter docentes na rede pública e atrair os jovens para o magistério

O assunto não é novo, mas vale retomá-lo e colocar luz sobre aspectos que precisam ser discutidos e modificados. O estudo Teacher Status Index, realizado este ano pela Fundação Varkey Gems em 21 países, ajuda a entender onde está o problema. Os pesquisadores avaliaram o status do professor e encontraram respostas contraditórias no Brasil. Enquanto o país é o que mais confia nele como profissional capacitado a dar boa educação aos alunos, menos de 20% dos entrevistados encorajariam os filhos a seguir carreira docente. Na China, o índice é 50%.

Revista 11 - Novembro 2013 – p. 14 (Educação em Debate).

REPORTAGEM:

“A Meninada nunca para quieta!”

Docentes contam como lidam com os pequenos desrespeitos que tiram qualquer um do sério
Com apuração de Paula Peres. paula.peres@fvc.org.br Editado por Elisa Meirelles

Andar pela sala, conversar enquanto o professor explica, usar celular em momentos indevidos, gritar e ser grosseiro com os colegas são exemplos de pequenas atitudes que atrapalham e muito a aprendizagem. Certamente, você já se deparou com esses problemas em classe. De acordo com a Pesquisa Internacional de Ensino e Aprendizagem (Talis) 2013, da Organização para a cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), os professores brasileiros passam 20% do tempo de aula lidando com a bagunça dos alunos enquanto a média internacional é 13%.

Mas o que fazer para melhorar o convívio em sala? Não há uma receita única, mas algumas práticas merecem atenção. Conflitos são importantes para o desenvolvimento da turma, sendo uma oportunidade para trabalhar regras e valores. Eles não devem ser remediados, mas discutidos.

Os problemas que ocorrem na escola podem ser divididos em dois grandes grupos: as manifestações perturbadoras e as de caráter violento. Os exemplos citados no começo deste texto fazem parte do primeiro, e são chamados de incivildades, termo usado para nomear pequenos conflitos que desrespeitam as normas de boa convivência.

Revista 8 – Agosto 2014 – p.83 (Gestão de Sala).

A abordagem conservadora dos fatos violentos talvez seja uma boa saída para deixar outras notícias para os outros meios de comunicação do grupo proprietário do periódico. Na Nova Escola, o mundo em fragmentos distorce conceitos, categorias e fatos que podem estar associados. Mais que isso, são divididos ou mesmo compreendidos como fazendo parte de esferas de sociabilidades diferentes. Neste contexto, é improvável soluções de longo prazo

para problemas ou conflitos próprios da realidade da educação. A saída em buscar soluções ou propostas híbridas ou das que utilizam remediações ou a ideia de que não existe uma única receita enriquece a abordagem conservadora, dando-lhe vitalidade e jogando os problemas para frente. Certamente, sem solução em curto, médio e longo prazo. Problemas resolvidos não geram boas demandas para leitores ávidos por reconhecimento.

Conclusão

A análise das representações e linguagens acerca das violências através das reportagens, notícias, informações, manchetes, entrevistas, artigos e capas da Revista Nova Escola revelou ser ela um meio de comunicação limitada nesse sentido. O meio de comunicação pesquisado desconhece conceitos e categorias há muito já comuns nas ciências sociais e, ao contrário de outros meios de comunicação, os casos de violências têm recebido nenhuma ou pouca importância. Pouca importância porque estão longe os dias em que a revista ousará em evidenciar o que se entende por criminalidade violenta e suas peculiaridades em instituições escolares. Fica evidente que a problematização que o periódico faz do tema da violência copia o mesmo modo como a mídia conservadora o retrata, onde a lente dramatizadora parece dar a medida de como são tratadas as questões. A questão das violências no âmbito escolar cada vez mais afligem todos os sujeitos que participam desse lugar. Sem um tratamento adequado por parte da mídia especializada na área da Educação, é possível que se tenha andado uma longa jornada até que tais problemas sejam cuidadosamente verificados.

É bem certo que são casos esporádicos e a revista acerta em não emprestar o sensacionalismo que em geral reveste tais notícias. Também parece acertar em seu romantismo acerca das violências no campo da educação. Neste caso a revista aposta na industrialização de discursos com grande capacidade de influenciar pessoas – fato facilmente verificável nas cartas dos leitores e nos prêmios distribuídos pelo grupo proprietário do periódico – uniformizar casos e dar relevância a fatos pouco noticiáveis.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivências nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009.

ADORNO, Theodor. W. Os padrões da cultura de massa. In: CARDOSO, Fernando Henrique & MARTINS, Carlos Estevam. **Política e Sociedade**. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, SD. Volume 2. (O texto original é de 1954).

BAUDRILLARD, Jean. Significação da publicidade. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1988.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Ed. EDUSP; Porto Alegre: Ed. Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.

BUENO, S. F.. Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12, n. 35 maio/ago. 2007.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A Massa. In: **Temas básicos da sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9ª ed.. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1997. (Edição brasileira de “O espírito do tempo”) 204 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5ª ed.. Lisboa: Editorial Presença, 1999.